



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

<b>REINGRESSO E MUDANÇA DE CURSO</b>	<b>2022</b>	<b>LÍNGUA PORTUGUESA</b>
--	-------------	------------------------------

## CADERNO DE QUESTÕES

### INSTRUÇÕES AO CANDIDATO

- Você deverá ter recebido o Caderno com a Proposta de Redação, a Folha de Redação, dois Cadernos de Questões e o Cartão de Respostas com o seu nome, o seu número de inscrição e a modalidade de ingresso. Confira se seus dados no Cartão de Respostas estão corretos e, em caso afirmativo, assine-o e leia atentamente as instruções para seu preenchimento.
- Verifique se este Caderno contém enunciadas 20 (vinte) questões de múltipla escolha de **LÍNGUA PORTUGUESA** e se as questões estão legíveis, caso contrário **informe imediatamente ao fiscal**.
- Cada questão proposta apresenta quatro opções de resposta, sendo apenas uma delas a correta. A questão que tiver sem opção assinalada receberá pontuação zero, assim como a que apresentar mais de uma opção assinalada, mesmo que dentre elas se encontre a correta.
- Não é permitido usar qualquer tipo de aparelho que permita intercomunicação, nem material que sirva para consulta.
- O tempo disponível para a realização de todas as provas, incluindo o preenchimento do Cartão de Respostas é, no mínimo, de **uma hora e trinta minutos** e, no máximo, de **quatro horas**.
- Para escrever a Redação e preencher o Cartão de Respostas, use, exclusivamente, caneta esferográfica de corpo transparente de ponta grossa com tinta azul ou preta (preferencialmente, com tinta azul).
- Certifique-se de ter assinado a lista de presença.
- Quando terminar, entregue ao fiscal a Folha de Redação, que será desidentificada na sua presença, e o Cartão de Respostas, que poderá ser invalidado se você não o assinar. Se você terminar as provas antes de três horas do início das mesmas, entregue também ao fiscal os Cadernos de Questões e o Caderno com a Proposta de Redação.

AGUARDE O AVISO PARA INICIAR SUAS PROVAS.



## Texto 1

### O complexo do amor Edgar Morin

Desejo expor esta dificuldade tão frequente nas ciências humanas, em que se fala de um objeto como se ele existisse fora de nós, os sujeitos.

E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, uma vez que a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor (a palavra sujeito oscila, aqui, entre dois sentidos que o polarizam: de um lado, o amor é algo que se vive subjetivamente e, de outro, é algo a que se é submisso). Daí decorre a diferença, e mesmo a oposição, entre as palavras sobre o amor que se pretendem objetivas, e as palavras do amor que são subjetivas. [...]

Esse texto intitula-se “O complexo do amor”. A palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal: *complexus*, aquilo que se tece em conjunto. O amor é algo único, como uma 10 tapeçaria que é tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. Por trás de um único e evidente “eu te amo” há uma multiplicidade de componentes, e é justamente a associação destes componentes inteiramente diversos que faz a coerência do “eu te amo”. Em uma extremidade há um componente físico e, pela palavra físico, entende-se o componente biológico, que não se reduz ao componente sexual, mas inclui o engajamento do ser corporal.

15 No outro extremo, encontram-se os componentes mitológico e imaginário; incluo-me entre aqueles para quem o mito e o imaginário não representam uma simples superestrutura, e muito menos uma ilusão, mas, sim, uma profunda realidade humana.

Esses dois componentes são modulados pelas culturas e pelas sociedades, mas não é sobre modulação cultural que irei discorrer: antes de mais nada, tentarei indicá-los.

20 Deparamo-nos aqui com outro paradoxo. O amor enraíza-se em nossa corporeidade e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor precede a palavra. Mas o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, em nosso mito, que, evidentemente, pressupõe a linguagem e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem. O amor, simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra. Trata-se de um interessante problema, 25 uma vez que há culturas em que não se fala do amor. Mas mesmo nestas culturas, em que não se fala do amor e que o amor não emergiu enquanto noção, será que, verdadeiramente, não existe amor? Ou será que sua existência decorre do não dito?

Fragmento. MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. (p. 15-17)

**01** Edgar Morin é filósofo, antropólogo, sociólogo e tem várias publicações voltadas para a Educação. Assim se inicia seu texto: “Desejo expor esta dificuldade tão frequente nas ciências humanas, em que se fala de um objeto como se ele existisse fora de nós, os sujeitos” (linhas 1-2). A que “dificuldade” Morin se refere?

- (A) Falar cientificamente de algo subjetivo.
- (B) Associar componentes diversos do “eu te amo”.
- (C) Perceber o enraizamento do amor na corporeidade.
- (D) Não dizer o amor em certas culturas.

**02** No fragmento em análise, predomina o modo

- (A) narrativo.
- (B) injuntivo.
- (C) expositivo.
- (D) preditivo.

**03** Em vários momentos, o autor explica o sentido de uma palavra: “a palavra sujeito oscila, aqui, entre dois sentidos que o polarizam” (linha 4); “A palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal: *complexus*, aquilo que se tece em conjunto” (linhas 8-9); “pela palavra físico, entende-se o componente biológico” (linha 13). Esse procedimento é próprio da mensagem em que predomina a seguinte função da linguagem:

- (A) poética.
- (B) apelativa.
- (C) fática.
- (D) metalinguística.

**04** O conector sublinhado em “E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, uma vez que a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor” (linhas 3-4) pode ser substituído, sem alterar o sentido do enunciado, por

- (A) E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, no entanto a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor.
- (B) E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, na medida em que a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor.
- (C) E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, enquanto a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor.
- (D) E isso é, evidentemente, flagrante para o amor, por conseguinte a maioria de nós sempre foi e será sujeito do amor.

Leia o fragmento seguinte para responder às questões **05**, **06** e **07**:

“Esses dois componentes são modulados pelas culturas e pelas sociedades, mas não é sobre modulação cultural que irei discorrer: antes de mais nada, tentarei indicá-los.”(linhas 18-19)

**05** O emprego de dois pontos se justifica por:

- (A) apresentar uma enumeração explicativa.
- (B) indicar uma citação de outrem.
- (C) transcrever um discurso alheio.
- (D) especificar um esclarecimento.

**06** Na voz passiva sintética, a oração “Esses dois componentes são modulados pelas culturas e pelas sociedades...” (linha 18), teria a seguinte estrutura, de acordo com a norma padrão:

- (A) Modula-se esses dois componentes pelas culturas e pelas sociedades.
- (B) Sejam modulados esses dois componentes pelas culturas e pelas sociedades.
- (C) Modulam-se esses dois componentes pelas culturas e pelas sociedades.
- (D) Estejam modulados esses dois componentes pelas culturas e pelas sociedades.

**07** Em “...antes de mais nada, tentarei indicá-los”, o vocábulo em destaque é uma forma pronominal coesiva

- (A) remissiva e faz referência a “modulados”.
- (B) prospectiva e antecipa “corporeidade” e “mito”.
- (C) exofórica e significa “vocês”.
- (D) anafórica e retoma “esses dois componentes”.

**08** No fragmento “Em uma extremidade há um componente físico e, pela palavra físico, entende-se o componente biológico, que não se reduz ao componente sexual, mas inclui o engajamento do ser corporal” (linhas 12-14) o conectivo sublinhado exprime ideia de:

- (A) Retificação.
- (B) Concessão.
- (C) Condição.
- (D) Comparação.

**09** “O amor enraíza-se em nossa corporeidade e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor precede a palavra. Mas o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, em nosso mito, que, evidentemente, pressupõe a linguagem e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem.” (linhas 20-23).

Os verbos sublinhados no fragmento acima estão no tempo presente do modo indicativo. O tempo e o modo verbais empregados indicam, no texto, fatos considerados como

- (A) prováveis.
- (B) certos.
- (C) intermitentes.
- (D) eventuais.

## Texto 2



Foto: Disponível em <https://institutoling.org.br/explore/a-poesia-autobiografica-de-carlos-drummond-de-andrade> Acesso em 03 nov. 2021.

**AMAR**

“Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer, amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
sempre, e até de olhos vidrados, amar? (...)”

Carlos Drummond de Andrade

**PROSA &  
POESIA  
+VERSOS**

Texto: Disponível em:  
<https://www.facebook.com/proseandopoesia/photos/amarque-pode-uma-criatura-senãotentre-criaturas-amamar-e-esquecer-amar-e-malama/2626105507485936/>  
Acesso em 03 nov. 2021.

**10** A estrofe de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas brasileiros, está centrada em um questionamento – “Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?” – que, em outras palavras, significa:

- (A) Escolher a quem amar é tarefa árdua.
- (B) Poder amar é fonte de sofrimento.
- (C) Amar é algo inevitável entre as criaturas.
- (D) Amar é tudo o que não fazem as criaturas.

**11** As palavras “malamar” e “desamar” são formadas por:

- (A) justaposição e prefixação.
- (B) parassíntese e conversão.
- (C) hibridismo e composição.
- (D) sufixação e aglutinação.

**12** No verso “sempre, e até de olhos vidrados, amar?” o vocábulo sublinhado é uma palavra denotativa de:

- (A) exclusão.
- (B) inclusão.
- (C) realce.
- (D) situação.

**13** A expressão “e até de olhos vidrados” é

- (A) eufemística.
- (B) hiperbólica.
- (C) hiperonímica.
- (D) metafórica.

Texto 3

### **A humanidade que pensamos ser**

Aílton Krenak

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? Houve um tempo em que o planeta 5 que chamamos Terra juntava os continentes todos numa grande Pangeia. Se olhássemos lá de cima do céu, tiraríamos uma fotografia completamente diferente do globo. Quem sabe se, quando o astronauta Lúri Gagárin disse “a Terra é azul”, ele não fez um retrato ideal daquele momento para essa humanidade que nós pensamos ser. Ele olhou com o nosso olho, viu o que a gente queria ver. Existe muita coisa que se 10 aproxima mais daquilo que pretendemos ver do que se podia constatar se juntássemos as duas imagens: a que você pensa e a que você tem. Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui? O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é 15 humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno.

Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo — várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções,

visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e  
20 fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos  
identificados. É como se tivéssemos feito um photoshop na memória coletiva  
planetária, entre a tripulação e a nave, onde a nave se cola ao organismo da tripulação  
e fica parecendo uma coisa indissociável. É como parar numa memória confortável,  
agradável, de nós próprios, por exemplo, mamando no colo da nossa mãe: uma mãe  
25 farta, próspera, amorosa, carinhosa, nos alimentando forever. Um dia ela se move e  
tira o peito da nossa boca. Aí, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque  
não está vendo o seio da mãe, não está vendo aquele organismo materno  
alimentando toda a nossa gana de vida, e a gente começa a estremecer, a achar que  
aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai  
30 cair em algum lugar. Mas a gente não vai cair em lugar nenhum, de repente o que a  
mãe fez foi dar uma viradinha para pegar um sol, mas como estávamos tão  
acostumados, a gente só quer mamar.

Fragmento. KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras,  
2019. (p. 29-30)

**14** O texto do ambientalista indígena Aílton Krenak começa com várias frases iniciadas por “se”: “Se a gente desestabilizar esse padrão” (linha 2), “Se olhássemos lá de cima do céu” (linha 5-6), “se [...] ele não fez um retrato ideal daquele momento para essa humanidade que nós pensamos ser” (linhas 7-8)... Esse fato marca, no parágrafo, um tom

- (A) assertivo.
- (B) hipotético.
- (C) concessivo.
- (D) optativo.

**15** Os vocábulos sublinhados em “Existe muita coisa que se aproxima mais daquilo que pretendemos ver do que se podia constatar se juntássemos as duas imagens: a que você pensa e a que você tem. Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui?” (linhas 9-13), classificam-se morfológicamente como:

- (A) pronome pessoal oblíquo átono, pronome demonstrativo, artigo definido.
- (B) artigo definido, preposição, pronome demonstrativo.
- (C) pronome demonstrativo, artigo definido, preposição.
- (D) preposição, pronome pessoal oblíquo tônico, pronome pessoal oblíquo átono.

**16** “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano” (linhas 13-15). A palavra sublinhada é

- (A) formada por composição e significa “Era humana”.
- (B) um estrangeirismo e significa “Espécie humana”.
- (C) um hibridismo e significa “Época do homem”.
- (D) formada por prefixação e significa “Homem desta época”.

Leia o fragmento seguinte para responder às questões 17, 18 e 19.

“Um dia ela se move e tira o peito da nossa boca. Aí, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque não está vendo o seio da mãe, não está vendo aquele organismo materno alimentando toda a nossa gana de vida,...” (linhas 25-28).

17 O trecho em destaque é uma

- (A) fábula.
- (B) crônica.
- (C) epístola.
- (D) alegoria.

18 No enunciado “Um dia ela se move e tira o peito da nossa boca”, o conectivo “e” exprime uma ideia de

- (A) adição.
- (B) simultaneidade.
- (C) alternância.
- (D) condição.

19 O emprego das expressões sublinhadas “aí”, “a gente” exemplifica a variação linguística

- (A) diacrônica.
- (B) psicológica.
- (C) diafásica.
- (D) regional.

20 Em “..., e a gente começa a estremecer, a achar que aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai cair em algum lugar” (linhas 28-30), as orações sublinhadas são, respectivamente, classificadas do ponto de vista sintático como:

- (A) duas orações subordinadas substantivas subjetivas e uma coordenada assindética.
- (B) três orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas entre si.
- (C) duas orações subordinadas substantivas predicativas e uma coordenada sindética.
- (D) três orações subordinadas apositivas coordenadas entre si.



